

Bank of Montreal converterá dívida em investimento

O presidente do Banco Central, Francisco Gros, considerou encorajadora a proposta do Bank of Montreal de converter 100 milhões de dólares, parte da dívida brasileira com o banco de 1 bilhão 300 milhões, em investimentos no Brasil e disse que a curto prazo o governo apresentará um projeto específico, legislando sobre o assunto. Pessoalmente defende um programa amplo, com um leque de alternativas para os credores e que privilegie a conversão de acordo com metas de política econômica.

Como converter dívida em capital de risco representa uma injeção de crédito na economia — o BC transformará dólares em cruzados para serem investidos internamente — Francisco Gros lembra que serão necessários limites qualitativos e quantitativos. Um exemplo citado por ele: entre um investimento em uma fábrica no Nordeste e a compra de um terreno no Rio de Janeiro, será dada preferência ao primeiro, que representa novos investimentos em regiões carentes.

— A proposta do **chairman** do Bank of Montreal foi claramente uma declaração política de apoio ao Brasil, num momento difícil em que alguns querem jogar lenha na fogueira e outros procuram lembrar que o Brasil é um bom parceiro — disse o presidente do Banco Central, que embarca segunda-feira para Washington, com o Ministro Funaro, para dar início formal às negociações com os bancos credores e participar da reunião do FMI (Fundo Monetário Internacional).

Tautológica

Gros não considera como instrumento de pressão a decisão de alguns bancos credores, como o Morgan, Bank of America, Manufacturers Hanover, de lançar, contabilmente, como não produtivos os créditos ao Brasil. “É tautológico. O Brasil suspende os pagamentos dos juros da dívida e os bancos param de contabilizá-los”, disse, lembrando que os ban-

queiros estão mostrando que só vão contabilizar, conforme as regras americanas, quando de fato receberem. “É uma decisão lógica e positiva, coerente com a legislação bancária dos Estados Unidos.

Com relação à renegociação da dívida, Gros esclarece não haver nada definido sobre a entrada de recursos novos no país, apenas que toda a discussão se fará sempre objetivando dar condições ao Brasil de continuar a crescer e se desenvolver.

Sobre o sistema de capitalização dos juros, transferindo-os para o principal da dívida, o presidente do Banco Central disse que é um “termo carregado”, porque fere a legislação de alguns credores. Por isso entende ser imprescindível a busca de soluções criativas para atender às necessidades de todos. “Falar em capitalização com os banqueiros europeus não gera qualquer problema. Já com os americanos é querer que eles virem a mesa”, informou. O importante, na sua opinião, nas discussões que se iniciam na próxima semana, é tentar reduzir o custo da dívida, a transformação em capital de risco e ter tranquilidade para não ficar como o México, nove meses negociando, sem obter condições de crescimento.

Francisco Gros garante que, por enquanto, não há nenhum evento mais grave na renovação das linhas de curto prazo e disse não ter indicação de encurtamento de alguns créditos. “Todo dia, em cada banco brasileiro que opera câmbio no exterior, vencem linhas de crédito de 180 dias e que vão sendo renovadas diariamente, normalmente, por vários prazos. Não tivemos nenhum caso de não renovação”, informou ele.

No caso do Morgan Guarantee Trust que não teria renovado suas linhas de curto prazo, transformando-as apenas em depósitos **overnight**, Gros disse ter tido conhecimento da transformação em depósito por uma semana, pendente de uma reunião de avaliação.